



AS
DEZ
MIL

PORTAS

ALIX E. HARROW

São Paulo
2020

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

H261d

Harrow, Alix E.

As dez mil portas / Alix E. Harrow ; tradução de Jacqueline Valpassos. — São Paulo : Universo dos Livros, 2020.

384 p.

ISBN: 978-85-503-0523-3

Título original: *The ten thousand doors of January*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção fantástica
I. Título II. Valpassos, Jacqueline

20-1608

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Avenida Ordem e Progresso, 157 – 8º andar – Conj. 803

CEP 01141-030 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)



1

A porta azul

Quando eu tinha sete anos, encontrei uma porta. Desconfio que eu deveria colocar essa palavra em maiúsculo, para que você entenda que não estou falando da sua porta comum que se abre para o jardim ou que infalivelmente leva a uma cozinha de azulejos brancos ou ao closet de um quarto.

Quando eu tinha sete anos, encontrei uma Porta. Pronto! Repare quão empertigada e orgulhosa a palavra está na página agora, a barriga do P se projetando como um arco negro contra o fundo branco. Quando você vê essa palavra, imagino que um formigamento de familiaridade faz os pelos da sua nuca se arrepiarem. Você não sabe nada sobre mim; não pode me ver sentada diante dessa escrivadinha de pau-amarelo, a suave brisa salgada virando essas páginas tal qual uma leitora procurando seu marcador de livros. Não consegue ver as cicatrizes que serpenteiam e se entrelaçam na minha pele. Você nem ao menos sabe meu nome (é January Scaller; então, suponho que agora você já saiba um pouco sobre mim e, com isso, eu lancei por terra o meu argumento).

Mas, quando vê a palavra *Porta*, você sabe o que isso significa. Talvez já tenha visto uma por si mesmo, entreaberta e caindo aos pedaços em uma igreja antiga, ou lubrificada e lustrosa em uma parede de tijolos. Talvez, se você for daquelas pessoas imaginativas que de repente se veem correndo em direção a lugares inesperados, você até já pode ter atravessado uma delas e ter ido parar em algum lugar extraordinário.

Ou talvez você nunca tenha visto uma *Porta* na sua vida. Não existem mais tantas como costumavam existir.

Mas, mesmo assim, você já ouviu falar dessas *Portas*, não é? Porque existem dez mil histórias sobre dez mil *Portas*, e nós as conhecemos tão bem quanto nossos próprios nomes. Elas levam ao Mundo das Fadas, ao Valhala, a Atlântida e a Lemúria, Céu e Inferno, a todas as direções que uma bússola nunca poderia indicar, a *outro lugar*. Meu pai – que é um verdadeiro erudito e não apenas uma jovem com uma caneta-tinteiro e uma série de histórias a contar – apresenta a questão muito melhor: “Se abordarmos narrativas como sítios arqueológicos, e escavarmos suas camadas com cuidado meticuloso, descobriremos que em algum nível sempre há uma porta. Um ponto de divisão entre *aqui* e *ali*, nós e eles, o comum e o mágico. São nos momentos em que as portas se abrem, quando os fatos fluem entre mundos, que as histórias acontecem”.

Ele nunca colocou as portas em maiúsculo. Mas talvez os eruditos não coloquem as palavras em maiúsculo só por causa das formas que elas projetam na página.

Era o verão de 1901, embora o arranjo de quatro números em uma página não significasse muito para mim na época. Penso nele agora como um ano arrogante e cheio de si, reluzindo com as promessas douradas de um novo século. Toda a bagunça e confusão do século XIX havia ficado para trás – todas aquelas guerras,

revoluções e incertezas, todas aquelas dores de crescimento imperiais – e agora não havia nada além de paz e prosperidade aonde quer que se olhasse. J. P. Morgan tornara-se o homem mais rico de toda a história do mundo; a rainha Vitória finalmente falecera e deixara seu vasto império para o filho de aparência majestosa; aqueles Boxers rebeldes haviam sido subjugados na China; e Cuba fora habilmente enfiada sob a asa civilizada dos Estados Unidos. Razão e racionalidade reinavam supremas, e não havia espaço para mágica ou mistério.

Logo ficaria claro que também não havia espaço para menininhas que vagavam pela borda do mapa e contavam a verdade sobre os eventos loucos e impossíveis que ali encontraram.



Eu a encontrei no extremo oeste do Kentucky, bem onde o estado mergulha o pé no Mississippi. Não é o tipo de lugar em que se espera encontrar algo misterioso ou mesmo vagamente interessante: é insípido e desleixado, povoado por pessoas insípidas e desleixadas. O sol é duas vezes mais quente e três vezes mais brilhante do que no restante do país, mesmo no final de agosto, e tudo é úmido e pegajoso, como o sebo da espuma de sabão que fica na sua pele quando você é a última a usar a água da banheira.

Mas as Portas, assim como suspeitos de assassinato em romances de mistério baratos, costumam estar onde menos se espera.

Eu só estava no Kentucky porque o sr. Locke me levava em uma de suas viagens de negócios, afirmando que se tratava de um “verdadeiro regalo” e de uma “chance de ver como as coisas são

feitas”, mas na verdade era porque minha babá estava à beira da histeria e ameaçara se demitir pelo menos quatro vezes no último mês. Eu era uma criança difícil naquela época.

Ou, quem sabe, o sr. Locke estivesse tentando me animar. Na semana anterior, havia recebido um cartão postal do meu pai. Tinha a foto de uma garota parda com expressão ressentida usando um chapéu pontudo e dourado, com as palavras *AUTÊNTICO TRAJE BIRMANÊS* estampadas a seu lado. Na parte de trás, três metódicas linhas em tinta marrom: *PRORROGANDO MINHA ESTADA, VOLTO EM OUTUBRO. PENSANDO EM VOCÊ. J.S.* O sr. Locke leu por cima do meu ombro e, meio sem jeito, deu uns tapinhas de encorajamento no meu braço.

Uma semana depois, eu estava enfiada no caixão forrado de veludo e painéis de madeira de um vagão-leito de trem, lendo *The Rover boys in the jungle*, enquanto o sr. Locke lia a seção de negócios do *Times* e o sr. Stirling olhava para o nada com a profissional impessoalidade de um assistente.

É meu dever apresentar o sr. Locke corretamente; ele odiaria entrar na história de forma tão casual e oblíqua. Permita-me apresentar, então, o senhor William Cornelius Locke, quase bilionário por esforço próprio, chefe da W. C. Locke & Co., proprietário de nada menos do que três mansões senhoriais ao longo da costa leste, proponente das virtudes da Ordem e da Propriedade (palavras que ele certamente preferiria ver iniciadas em maiúsculas – reparou nesse *P*, que mais parece uma mulher com a mão na cintura?), e presidente da Sociedade Arqueológica da Nova Inglaterra, uma espécie de clube social para homens ricos e poderosos que também eram colecionadores amadores. Digo “amadores” somente porque era moda entre os homens ricos referir-se às suas paixões dessa maneira desdenhosa, com um pequeno peteleco de seus dedos, como se admitir uma profissão que não fosse lucrativa pudesse manchar suas reputações.

Na verdade, às vezes suspeitava de que toda fortuna acumulada por Locke destinava-se especificamente a alimentar seu hobby de colecionador. Sua casa em Vermont – aquela em que realmente morávamos, em oposição às outras duas propriedades imaculadas, cujo principal propósito era destacar sua importância para o mundo – era um vasto Smithsonian privado e com tantas obras amontoadas que mais parecia ter sido construído de artefatos do que de pedras e argamassa. E pecava na organização: figuras calcárias de mulheres de quadril largo faziam companhia a biombos indonésios com telas tão minuciosamente entalhadas que mais pareciam renda, e pontas de flechas de obsidiana dividiam uma redoma de vidro com o braço taxidermizado de um guerreiro Edo (eu odiava aquele braço, mas não conseguia parar de olhar para ele, imaginando como teria sido quando vivo e musculoso, como o seu dono se sentiria com uma garotinha nos Estados Unidos olhando para sua carne seca como papel sem nem ao menos saber seu nome).

Meu pai era um dos agentes de campo do sr. Locke, contratado quando eu não passava de um pacotinho do tamanho de uma berinjela, enrolada em um velho casaco de viagem. “Sua mãe tinha acabado de falecer, sabe? Foi um episódio muito triste”, gostava de recitar para mim o sr. Locke, “e lá estava seu pai – aquele sujeito de cor estranha, parecendo um espantalho, com, valha-me-Deus, o braço repleto de *tatuagens* – no meio do mais absoluto nada, com um bebê. Eu disse a mim mesmo: Cornelius, aí está um homem que precisa de um pouco de caridade!”.

Antes do pôr do sol, papai já estava contratado. Agora ele rodava o mundo coletando objetos “de valor único e particular” e os enviando ao senhor Locke, que os coloca em redomas de vidro com plaquinhas de latão e grita comigo quando eu tento tocar ou brincar com eles ou então quando roubo as moedas astecas para

recriar cenas de *A ilha do tesouro*. E lá fico eu no meu quartinho cinzento na Mansão Locke, atormentando as babás que Locke contrata para me civilizar e esperando papai voltar para casa.

Aos sete anos, já passei muito mais tempo com o sr. Locke do que com o meu próprio pai biológico e, tanto quanto é possível amar alguém que se sente naturalmente tão confortável em ternos de três peças, eu o amava.

Como era de costume, o sr. Locke reservara aposentos para nós no melhor estabelecimento disponível; em Kentucky, isso correspondia a um amplo hotel de madeira às margens do Mississippi, obviamente construído por alguém que queria abrir um grande hotel, mas nunca vira um na vida. Havia papel de parede listrado e candelabros elétricos, mas um cheiro azedo de peixe subia das tábuas do chão.

O sr. Locke gesticulou para o gerente como se estivesse espantando uma mosca e lhe disse: “Fique de olho na garota, que é levada da breca”, e adentrou o saguão com o sr. Stirling seguindo em seu encalço como um cão antropomorfo. Locke cumprimentou um homem de gravata-borboleta que o esperava em um dos sofás floridos. “Governador Dockery, que prazer! Li sua última missiva com muita atenção, garanto-lhe. E como vai sua coleção de crânios?”.

Ah. Então foi por isso que viemos: o sr. Locke estava encontrando um de seus amigos da Sociedade Arqueológica para uma noite de drinques, charutos e vanglória. Todo verão, eles compareciam a uma reunião anual da Sociedade na Mansão Locke – uma festa chique seguida por um evento formal, apenas para membros, do qual nem eu nem meu pai podíamos participar –, mas alguns dos verdadeiros entusiastas não conseguiam esperar o ano inteiro e procuravam um ao outro sempre que podiam.

O gerente me deu um sorriso amarelo, demonstrando o pânico

típico de adultos sem filhos, e sorri de volta. “Vou lá fora”, disse-lhe confiante. Ele sorriu um pouco mais forçado, piscando de incerteza. As pessoas sempre ficam incertas diante de mim: minha pele é avermelhada, como se estivesse coberta de serragem de cedro, mas meus olhos são grandes e claros e minhas roupas são caras. Eu era um animalzinho de estimação mimado ou uma criada? Deveria o pobre gerente me servir chá ou me jogar na cozinha com os empregados? Eu era o que o sr. Locke chamava de “uma criatura intermediária”.

Derrubei um vaso alto de flores, ofeguei um “*oh, meu Deus*” fingido e afastei-me enquanto o gerente praguejava e enxugava a bagunça com o casaco. Fugi portão afora (vê como essa palavra se infiltra até nas histórias mais sem graça? Às vezes, sinto que há portas ocultas nas dobras de cada frase, com pontos-finais no lugar de maçanetas e verbos como dobradiças).

As ruas não passavam de tripas que se cruzavam e assavam sob o sol antes de terminarem no rio lamacento, mas o povo de Ninley, Kentucky, parecia propenso a passear por elas como se fossem avenidas de cidade grande. E olhavam e murmuravam enquanto eu passava.

Um estivador ocioso apontou para mim e cutucou seu companheiro.

– Aposto que aquela ali é uma garotinha Chickasaw. – Seu colega de trabalho balançou a cabeça, citando sua vasta experiência pessoal com garotas indígenas, e especulou:

– Índias Ocidentais, talvez. Ou mestiça.

Continuei andando. As pessoas sempre tentavam fazer esse tipo de adivinhação, categorizando-me como uma coisa ou outra, mas o sr. Locke me garantiu que todas estavam igualmente incorretas. “Um espécime perfeitamente único”, ele me chamava. Uma vez, após um comentário de uma das criadas, perguntei se eu era de cor

e ele bufou. “De alguma cor, talvez, mas dificilmente *de cor.*” Eu realmente não sabia o que fazia uma pessoa ser de cor ou não, mas a maneira como ele disse isso me deixou feliz por não ser.

A especulação era pior quando o papai estava comigo. Sua pele é mais escura que a minha, um lustroso negro-avermelhado, e seus olhos são tão pretos que até o branco é raiado de castanho. Depois de levar em consideração as tatuagens – espirais de tinta subindo dos dois pulsos – e o traje surrado, os óculos, o sotaque carregado e... bem. As pessoas encaravam.

Eu queria que ele ainda estivesse comigo.

Estava tão ocupada em andar e não olhar para todos aqueles rostos brancos que trombei em alguém.

– Desculpe, senhora, eu... – Uma velha, corcunda e enrugada como uma uva-passa, olhou feio para mim. Era um olhar feio de avó, experiente, destinado especialmente a crianças que se moviam rápido demais e esbarravam nela. – Desculpe – repeti.

Ela não respondeu, mas algo mudou em seus olhos como um abismo se abrindo. Ficou boquiaberta e seus olhos embaçados se arregalaram como persianas.

– Quem... quem diabos é você? – ela sussurrou para mim. As pessoas não gostam de criaturas intermediárias, suponho.

Eu deveria ter corrido de volta para o hotel com cheiro de peixe e me aconchegado à sombra segura e endinheirada do sr. Locke, onde nenhuma daquelas malditas pessoas poderia me alcançar; teria sido o certo a fazer. Mas, como o sr. Locke costumava reclamar, às vezes eu podia ser bastante inconveniente, voluntariosa e temerária (uma palavra que eu imaginava ser pouco lisonjeira, a julgar pelas outras que a acompanhavam).

Então, fugi.

Corri até minhas pernas finas e magrelas tremerem e meu peito arfar contra as costuras delicadas do meu vestido. Corri até a rua

virar uma via sinuosa e os prédios atrás de mim serem engolidos por glicínias e madressilvas. Corri e tentei não pensar nos olhos da velha no meu rosto ou na encrenca em que eu estaria por desaparecer.

Meus pés só pararam quando perceberam que a terra batida embaixo deles havia se transformado em grama. Eu me vi no meio de um campo deserto e coberto de vegetação alta sob um céu tão azul que me lembrou dos azulejos que papai trouxera da Pérsia: um majestoso azul no qual dava vontade de mergulhar. Grama alta, da cor de ferrugem, estendia-se sob a imensidão celeste e alguns cedros esparsos erguiam seus troncos espiralados como se tentassem alcançá-lo.

Algo na composição daquela cena – o intenso aroma de cedro seco ao sol, a grama balançando sob o céu como uma tigresa laranja contra o fundo azul – me inspirava o desejo de aconchegar-me entre as hastes secas como uma corça esperando por sua mãe. Segui em frente, vagando, deixando minhas mãos roçarem o topo áspero dos grãos silvestres.

Quase nem percebi a Porta. Todas as Portas são assim, meio sombreadas e de lado, até que alguém bata o olho nelas no momento certo.

Aquela nada mais era do que um batente de madeira antiga disposto como o começo de um castelo de cartas. Marcas de ferrugem manchavam a madeira onde dobradiças e pregos haviam se dissolvido em nada, e da própria porta apenas algumas corajosas tábuas restavam. Alguns resquícios de tinta descascada ainda se agarravam a ela, do mesmo azul royal do céu.

Acontece que eu não sabia sobre Portas na época, e se você me contasse eu não acreditaria mesmo se me entregasse uma coleção de três volumes comentados com relatos de testemunhas oculares. Mas quando vi aquela porta azul arruinada, tão solitária no meio

do campo, queria que ela levasse a algum outro lugar. Algum outro lugar além de Ninley, Kentucky, algum lugar novo, nunca visto e tão vasto que eu nunca chegaria ao seu fim.

Pressionei a palma contra a tinta azul. As dobradiças gemeram, assim como as portas das casas assombradas em todas as minhas historietas baratas e romances de aventura. Meu coração saltou no peito, e em um canto ingênuo da minha alma eu estava prendendo a respiração na expectativa, esperando que algo mágico acontecesse.

Não havia nada do outro lado da Porta, é claro: apenas as cores de cobalto e canela do meu próprio mundo, céu e campo. E – só Deus sabe por quê – aquilo partiu meu coração. Sentei-me no chão sem me importar com meu belo vestido de linho e chorei com a perda. O que eu esperava? Uma daquelas passagens mágicas em que as crianças estão sempre tropeçando nos meus livros?

Se Samuel estivesse lá, poderíamos pelo menos fingir. Samuel Zappia era meu único amigo não ficcional: um garoto de olhos escuros, com um vício em literatura barata e a expressão distante de um marinheiro observando o horizonte. Ele visitava a Mansão Locke duas vezes por semana em uma carroça vermelha com os dizeres *MERCEARIA FAMÍLIA ZAPPIA, INC.* pintados na lateral em letras douradas, e geralmente dava um jeito de me passar escondido a última edição de *The argosy all-story weekly* ou *The halfpenny marvel*, junto com a farinha e as cebolas. Nos fins de semana, ele escapava da loja de sua família para se juntar a mim às margens do lago em elaborados jogos de fantasia envolvendo fantasmas e dragões. *Sognatore*, sua mãe o chamava, e Samuel me explicou que era o termo em italiano para garoto-impresarável-que-enche-a-mãe-de-desgosto-por-sonhar--o-tempo-todo.

Mas Samuel não estava comigo naquele dia no campo. Então, peguei o meu pequeno diário de bolso e escrevi uma história.

Quando eu tinha sete anos, esse diário era o item mais precioso que eu já possuía, embora, tecnicamente, essa posse fosse legalmente questionável. Não o comprei nem ganhei de ninguém – eu o encontrei. Estava brincando na Sala do Faraó, pouco antes de fazer sete anos, abrindo e fechando todas as urnas e experimentando as joias, e por acaso abri uma bela arca do tesouro (*Caixa com tampa abobadada, decorada com marfim, ébano, faiança azul, Egito; original e par correspondente*). E, no fundo do baú, havia esse diário: couro da cor de manteiga queimada, páginas de papel de algodão cor de creme tão vazias e convidativas quanto a neve fresca.

Achei provável que o sr. Locke o tivesse deixado ali para eu encontrar, um presente secreto que ele era muito rude para me entregar pessoalmente, então eu o aceitei sem hesitar. Escrevia nele sempre que me sentia sozinha ou perdida, ou quando meu pai estava longe, ou o sr. Locke ocupado ou a babá sendo horrível. Eu escrevia muito.

Escrevia principalmente histórias como as que lia nas edições do *The argosy* de Samuel, sobre meninos corajosos de cabelos louros e nomes como Jack, Dick ou Buddy. Passava muito tempo pensando em títulos arrepiantes e escrevendo-os com linhas ultrarrebuscadas (“O mistério da chave-mestra”; “A sociedade da adaga dourada”; “A garota órfã voadora”) e nenhum me preocupando com a trama. Naquela tarde, sentada naquele campo solitário ao lado da porta que não levava a lugar nenhum, eu queria escrever uma história diferente. Uma história verdadeira, para a qual eu poderia me esgueirar se acreditasse nela o suficiente.

Era uma vez uma garota corajosa e temerrária (é assim que escreve?) que encontrou uma Porta. Era uma Porta mágica, por isso tem uma letra maiúscula P. Ela abriu a Porta.

Por um único segundo – uma fatia prolongada de tempo que começou no ancinho formado pelo E e terminou quando meu lápis deu seu último giro no ponto-final –, eu acreditei. Não da maneira meio fingida que as crianças acreditam no Papai Noel ou nas fadas, mas da maneira mais profunda que você acredita na gravidade ou na chuva.

Algo no mundo mudou. Sei que é uma descrição de merda, e perdoe minha linguagem imprópria para uma dama, mas não sei dizer de outra forma. Foi como um terremoto que não perturbou uma única folha de grama, um eclipse que não projetou uma única sombra, uma mudança vasta, mas invisível. Uma brisa repentina folheou a borda do diário. Cheirava a sal e pedras quentes e a uma dúzia de aromas distantes que não pertenciam a um matagal ao lado do Mississippi.

Enfiei o diário de volta no bolso da saia e me levantei. Minhas pernas estremeeceram como bétulas ao vento, trêmulas de exaustão, mas eu as ignorei porque a Porta parecia estar murmurando em uma linguagem suave e trepidante, feita de podridão da madeira e tinta descascada. Aproximei-me dela novamente, hesitei, e então...

Abri a Porta e entrei.

Eu não estava em lugar algum. Uma vastidão intermediária pressionou meus tímpanos, como se eu estivesse nadando até o fundo de um enorme lago. Estendi minha mão e ela desapareceu no vazio; minha bota girou em um arco que nunca terminava.

Chamo esse lugar intermediário agora de limiar. (A haste do L separando dois lados vazios.) Os limiares são lugares perigosos, nem aqui nem ali, e atravessar um é como pisar na beira de um precipício na fé ingênua de que asas irão brotar na metade do caminho. Você não pode hesitar ou duvidar. Você não pode temer o lugar intermediário.

Meu pé pousou no outro lado da porta. O cheiro de cedro e a luz do sol foram substituídos por um sabor acobreado na minha boca. Abri os olhos.

Era um mundo feito de água salgada e pedra. Eu estava em um penhasco cercado por todos os lados por um infinito mar prateado. Bem abaixo de mim, aninhada na costa curva da ilha como uma pedra na palma da mão, havia uma cidade.

Pelo menos, eu supunha que era uma cidade, embora não possuísse as armadilhas habituais de uma: nenhum bonde zunia e zumbia através dela, nenhuma nuvem de fumaça de carvão a encobria. Em vez disso, havia edifícios de pedra caiada de branco dispostos artisticamente em espirais, salpicados de janelas abertas como olhos negros. Algumas torres se sobressaíam como cabeças acima da multidão e os mastros de pequenos navios formavam uma pequena floresta ao longo da costa.

Eu estava chorando de novo. Sem teatro ou talento, apenas... chorando, como se houvesse algo que eu tanto queria e não podia ter. Como meu pai fazia às vezes, quando pensava que estava sozinho.

– January! *January!* – Meu nome parecia vir de um gramofone barato a vários quilômetros de distância, mas reconheci a voz do sr. Locke ecoando atrás de mim através da Porta. Não sabia como ele me encontrara, mas sabia que estava encrencada.

Ah, não sei nem dizer o quanto queria ficar ali. Como o mar cheirava a promessas, como as ruas serpenteantes da cidade lá embaixo pareciam formar uma espécie de inscrição. Se não fosse o sr. Locke me chamando – o homem que me deixava andar em vagões de trem sofisticados e me comprava bons vestidos de linho, o homem que dava tapinhas reconfortantes no braço quando meu pai me decepcionava e deixava diários de bolso para eu encontrar –, eu poderia ter ficado.

Cruzei a Porta. Parecia diferente deste lado, um arco de basalto desgastado, sem ao menos a dignidade das tábuas de madeira para servir de porta. Uma cortina cinzenta tremulava na abertura. Eu a afastei para o lado.

Pouco antes de eu atravessar o arco de volta para o outro lado, um brilho prateado cintilou aos meus pés: uma moeda redonda jazia meio enterrada no solo, gravada com várias palavras em uma língua estrangeira e a efígie de uma mulher coroada. Senti-a quente na minha palma. Deslizei-a para o bolso do meu vestido.

Desta vez, o limiar passou por mim como a breve sombra da asa de um pássaro. O cheiro seco de grama e sol retornou.

– Janua... Oh, aí está você. – O sr. Locke estava em mangas de camisa e colete, um pouco ofegante, o bigode arrepiado como o rabo de um gato assustado. – Onde você estava? Estive aqui gritando até ficar rouco, tive de interromper minha reunião com Alexander... O que é isso? Ele estava olhando para a porta salpicada de azul, sua expressão se apaziguando.

– Nada, senhor.

Seus olhos se desviaram da porta direto para mim, duros como gelo.

– January. Diga-me o que andou fazendo...

Eu deveria ter mentido. Teria poupado muita dor de cabeça. Mas você precisa entender: quando o sr. Locke olha para você daquela maneira particular, com seus olhos claros como a lua, você acaba fazendo o que ele quer que faça. Suspeito que seja essa a razão pela qual a W. C. Locke & Co. é tão lucrativa.

Engoli em seco.

– Eu-eu só estava brincando e passei por esta porta, veja, e ela leva a algum outro lugar. Havia uma cidade branca à beira-mar. – Se eu fosse mais velha, poderia ter dito: *Cheirava a sal, séculos e aventura. Cheirava como outro mundo, e quero voltar para lá neste exato*

minuto e caminhar por aquelas ruas estranhas. Em vez disso, acrescentei articuladamente: – Gostei dela.

– Diga a *verdade*. – Seus olhos me pressionaram.

– Estou dizendo, juro!

Ele me encarou por outro longo momento. Assisti aos músculos de sua mandíbula se contraindo.

– E de onde veio essa porta? Você... você a construiu? Montou-a com esse lixo? – Ele fez um gesto e eu notei a pilha de madeira podre atrás da porta, os ossos espalhados de uma casa.

– Não, senhor. Simplesmente a encontrei. E escrevi uma história sobre ela.

– Uma história? – Percebi que ele tentava acompanhar cada reviravolta improvável em nossa conversa e odiando cada palavra; ele gostava de estar no controle de qualquer interação.

Busquei apressada por meu diário de bolso e o coloquei em suas mãos.

– Bem aqui, viu? Escrevi uma historinha, e então a porta meio que se abriu. É verdade, juro que é verdade.

Seus olhos percorreram a página muitas vezes mais do que o necessário para ler uma história de três frases. Então, ele tirou um toco de charuto do bolso do casaco e acendeu um fósforo, sugando até que a ponta brilhou para mim como o olho incandescente de um dragão.

Suspirou do jeito que suspirava quando era forçado a dar más notícias a seus investidores e fechou o meu diário.

– Que absurdo fantasioso, January. Quantas vezes já tentei curá-la disso?

Ele passou o polegar pela capa do meu diário e, deliberadamente, quase com pesar, jogou-o na pilha de madeira podre atrás dele.

– Não! Você não pode...

– Sinto muito, January. De verdade. – Ele buscou os meus olhos e esboçou um movimento, logo interrompido, como se quisesse estender os braços para mim. – Mas isso é simplesmente o que deve ser feito, pelo seu bem. Espero você no jantar.

Eu queria lutar com ele. Discutir, resgatar meu diário do lixo... mas não consegui.

Em vez disso, fugi. De volta ao campo, às sinuosas estradas de terra e de volta para o saguão do hotel, que cheirava a azedo.

E assim, o começo da minha história apresenta uma garota de pernas magrelas fugindo duas vezes no espaço de poucas horas. Não é uma introdução muito heroica, né? Mas, se você é uma criatura intermediária, sem família e sem dinheiro, com nada além de suas próprias pernas e uma moeda de prata, às vezes, fugir é tudo o que lhe resta a fazer.

E, de qualquer forma, se eu não tivesse sido o tipo de garota que fugia, não teria encontrado a Porta azul. E não haveria muita história para contar.



Por medo de Deus e do sr. Locke me comentei naquela noite e no dia seguinte. Fui bem vigiada pelo sr. Stirling e pelo nervoso gerente do hotel, que me vigiavam do jeito como se lida com um valioso, mas perigoso, animal de zoológico. Diverti-me por algum tempo martelando as teclas no piano de cauda e vendo-o se encolher, mas afinal fui conduzida de volta ao meu quarto e aconselhada a dormir.

Antes que o sol se pusesse por completo, eu já tinha pulado a janela baixa e me esquivava por um beco. A estrada estava sarapintada de sombras como poças negras rasas e, quando

cheguei ao campo, as estrelas brilhavam através da névoa quente de fumaça e tabaco que pairava sobre Ninley. Fui caminhando aos tropeços pela grama, espremendo os olhos na escuridão no esforço de avistar aquela silhueta de baralho de cartas.

A Porta azul não estava lá.

Em vez disso, encontrei um círculo negro irregular na grama. Cinzas e carvão eram tudo o que restava da minha porta. Meu diário de bolso estava entre as brasas, retorcido e enegrecido. Deixei-o lá.

Quando retornei ao estabelecimento meia-boca que estava longe de ser um grande hotel, o céu estava escuro e minhas meias três--quartos, manchadas. O sr. Locke estava sentado no saguão em meio a uma oleosa e azulada nuvem de fumaça, com seus registros contábeis e papéis espalhados diante de si e seu copo de jade favorito cheio do uísque que bebericava à noite.

- E por onde você andou esta noite? Por acaso voltou a atravessar aquela porta e se viu em Marte? Ou na Lua, talvez? - Mas seu tom era brando. O problema do sr. Locke é que ele realmente era gentil comigo. Mesmo nas piores ocasiões, ele sempre era gentil.

- Não - admiti. - Mas eu aposto que existem mais Portas exatamente como aquela. Aposto que eu poderia encontrá-las e escrever sobre elas, e todas se abririam. E não me importo se você não acredita em mim. - Por que não mantive minha boca estúpida fechada? Por que simplesmente não balancei a cabeça e pedi desculpas com voz embargada, e fui para a cama com a lembrança da Porta azul como um talismã secreto no bolso? Porque eu tinha sete anos e era teimosa e ainda não entendia o custo das histórias verdadeiras.

- É mesmo? - foi tudo o que o sr. Locke se limitou a dizer e então rumei para o meu quarto com a impressão de ter evitado punições

mais severas.

Só quando chegamos a Vermont, uma semana depois, percebi que estava enganada.

A Mansão Locke era um imenso castelo de pedra vermelha situado à beira do lago Champlain, coberto por uma floresta de chaminés e torres com telhado de cobre. Suas entranhas eram labirínticas e revestidas de painéis de madeira, cheias de artefatos estranhos, raros e valiosos; um colunista do *Boston Herald* já o descrevera como “arquiteticamente extravagante, estando mais para uma reminiscência de *Ivanhoé* do que para a residência de um homem moderno”. Corria o boato de que um escocês maluco o encomendara sua construção na década de 1790, passara uma semana vivendo nele e depois desaparecera para sempre. O sr. Locke o comprou em leilão na década de 1880 e começou a entulhá-lo com as maravilhas do mundo.

Meu pai e eu fomos acomodados em dois quartos no terceiro andar: um escritório quadrado e muito organizado para ele, com uma grande mesa e uma única janela, e um quarto cinza e com cheiro de mofo com duas camas estreitas para mim e minha babá. A mais recente era uma imigrante alemã chamada srta. Wilda, que usava pesados vestidos de lã pretos e tinha uma expressão que dizia que ela ainda não vira muito do século XX, mas já desaprovava profundamente o que tinha visto. Gostava de hinos e roupas limpas recém--dobradas e detestava barulho, bagunça e petulância. Nós éramos inimigas naturais.

Quando voltamos, Wilda e o sr. Locke tiveram uma conversa apressada no corredor. Os olhos dela brilhavam para mim como reluzentes botões de casaco.

– O senhor Locke me contou que você tem andado hiperativa ultimamente, quase histérica, pombinha. – A srta. Wilda costumava me chamar de *pombinha*; ela acreditava no poder da sugestão.

- Não, senhora.

- Ah, coitadinha. Poremos você na linha como um trem em pouco tempo.

A cura para a hiperatividade era um ambiente calmo e estruturado, sem distrações; meu quarto foi, portanto, sumariamente despojado de tudo que fosse colorido, extravagante ou querido. As cortinas foram fechadas e a estante de livros foi limpa de qualquer objeto mais emocionante do que a *Bíblia ilustrada para crianças*. Minha colcha favorita, cor-de-rosa e dourada – que papai havia me enviado de Bangalore, no ano anterior – foi trocada por lençóis brancos engomados. Samuel foi proibido de me visitar.

A chave da srta. Wilda deslizou e girou no buraco da fechadura, e eu me vi sozinha.

A princípio, imaginei-me como uma prisioneira de guerra resistindo aos casacas vermelhas ou rebeldes e pratiquei minha expressão de resistência estoica. No segundo dia, entretanto, o silêncio foi como dois polegares pressionando meus tímpanos e minhas pernas estremeceram e tremeram com o desejo de correr e continuar correndo, de volta àquele campo de cedros espiralados, através das cinzas da Porta azul para outro mundo.

No terceiro dia, meu quarto se tornou uma cela, que se tornou uma gaiola, que se tornou um caixão, e eu descobri o medo mais profundo que nadava em meu coração como enguias nadando em cavernas submarinas: ficar trancada, presa e sozinha.

Algo no meu âmago se partiu. Rasguei as cortinas com as unhas, arranquei os puxadores das gavetas da cômoda, bati meus pequenos punhos contra a porta trancada, depois sentei no chão soluçando e chorei rios de lágrimas até que a srta. Wilda voltou com uma colher de xarope de alguma coisa que me afastou de mim mesma por algum tempo. Meus músculos se transformaram em rios lânguidos e oleosos e minha cabeça balançava frouxamente na

superfície. As sombras rastejando pelos tapetes se tornaram um drama terrível, tão absorventes que não havia espaço para mais nada em minha cabeça até eu adormecer.

Quando acordei, o sr. Locke estava sentado ao lado da minha cama, lendo um jornal.

– Bom dia, minha querida. E como está se sentindo?

Engoli cuspe azedo.

– Melhor, senhor.

– Fico feliz. – Ele dobrou o jornal com precisão arquitetônica. – Ouça-me com muita atenção, January. Você é uma garota de grande potencial... Imenso, eu diria! Mas precisa aprender a se comportar. De agora em diante, nada de bobagens fantasiosas, nada de fugir ou de portas que conduzem a lugares que não deveriam.

Sua expressão enquanto me analisava me fez pensar nas antigas ilustrações de Deus: severamente paternal, concedendo o tipo de amor que pesa e mede antes de considerar alguém digno de recebê-lo. Seus olhos eram como pedras que me pressionavam.

– Você vai se colocar em seu lugar e ser uma boa garota.

Eu queria desesperadamente ser digna do amor do sr. Locke.

– Sim, senhor – sussurrei. E fui.



Meu pai não voltou até novembro, e tinha uma aparência tão enrugada e cansada quanto sua bagagem. Sua chegada seguiu o padrão habitual: a carroça trilhou seu caminho até a entrada e parou diante da pétrea majestade da Mansão Locke. O sr. Locke saiu para felicitá-lo com tapinhas nas costas e eu esperei no hall da frente com a srta. Wilda, vestida com um macacão tão

engomado que me sentia como uma tartaruga com um casco grande demais.

A porta se abriu e ele ficou parado lá, a silhueta recortada contra a claridade, muito escuro e estranho à luz pálida de novembro. Ele parou no limiar, porque esse era geralmente o momento em que vinte e cinco quilos de uma garotinha animada disparavam para os seus joelhos.

Mas eu não me mexi. Pela primeira vez na minha vida, não corri para ele. Os ombros da silhueta caíram em desapontamento.

Parece cruel, não é mesmo? Uma criança emburrada que castiga o pai por sua ausência. Mas asseguro-lhe que minhas intenções na época estavam completamente confusas; algo ao ver sua silhueta diante da porta me deixou tonta de raiva. Talvez porque ele cheirasse a selvas, navios a vapor e aventuras, como cavernas sombrias e maravilhas nunca vistas, enquanto meu mundo era tão ferozmente entediante. Ou talvez apenas porque eu estava trancada e ele não estava lá para abrir a porta.

Ele deu três passos hesitantes e se agachou diante de mim no vestíbulo. Parecia mais velho do que eu lembrava, a barba incipiente no queixo brilhando grisalha em vez de preta, como se todos os dias que ele passara longe de mim correspondessem a três dias em seu mundo. A tristeza era a mesma de sempre, entretanto, como um véu puxado sobre os seus olhos.

Ele pousou a mão no meu ombro, as cobras negras de tatuagens espiralando em torno de seus pulsos.

– January, há algo errado?

O som familiar do meu nome em sua boca e o sotaque estrangeiro, mas tão familiar para mim, quase me desfizeram. Eu queria dizer a verdade – *que esbarrara em algo grandioso e selvagem, algo que rasga um buraco na forma do mundo. Escrevi algo e era verdade* – mas aprendi minha lição. Eu era uma boa garota agora.

- Está tudo bem, senhor - respondi, e vi o tom frio e adulto de minha voz atingir meu pai como um tapa.

Não falei com ele à mesa do jantar e não entrei furtivamente em seu quarto naquela noite para implorar por suas histórias (e uma coisa eu posso afirmar: ele era um excelente contador de histórias; sempre dizia que noventa e nove por cento de seu trabalho era seguir as histórias e ver aonde elas levavam).

As bobagens fantasiosas haviam acabado para mim. Não havia mais portas ou Portas, nem sonhos de mares prateados e cidades caiadas de branco. Nada mais de histórias. Imaginava que essa fosse apenas uma daquelas lições implícitas no processo de crescimento, que todo mundo acaba aprendendo.

No entanto, vou lhe contar um segredo: eu ainda tinha aquela moeda de prata com o retrato da rainha estrangeira. Guardava-a em um bolso minúsculo costurado na minha anágua, sentia seu calor na minha cintura, e quando a segurava, sentia o cheiro do mar.

Foi o meu bem mais precioso por dez anos. Até completar dezessete anos e encontrar *As dez mil portas*.



2

A porta encadernada em couro

Eu não a teria encontrado se não fosse o pássaro.

Eu estava indo à cozinha para roubar o café da noite da sra. Purtram, a cozinheira, quando ouvi o som de algo se debatendo e parei no meio da segunda escadaria. Esperei até que acontecesse novamente: o silêncio perturbado de asas batendo apressadas e um baque surdo. Silêncio.

Segui o som até o salão do segundo andar, rotulado como a Sala do Faraó, que abrigava a extensa coleção egípcia do sr. Locke: sarcófagos vermelhos e azuis, urnas de mármore com asas no lugar de alças, pequenas *ankhs* de ouro presas em cordões de couro, colunas de pedra entalhada órfãs de seus templos. A sala inteira tinha um brilho dourado, mesmo na quase completa escuridão de uma noite de verão.

O som vinha do canto sul da sala, onde ainda jazia minha arca do tesouro azul. Ela chocalhou em seu pedestal.

Depois de encontrar meu diário de bolso, não podia deixar de, volta e meia, dar uma espiada no interior do baú que cheirava a pó. Perto do Natal, um boneco de papel apareceu com varetas

pequenas de madeira afixadas em cada um de seus membros. No verão seguinte, havia uma minúscula caixa de música que tocava uma valsa russa, e depois uma bonequinha marrom enfeitada com contas de cores vivas e, em seguida, uma edição ilustrada de *O livro da selva* em francês.

Nunca perguntei a ele diretamente, mas tinha certeza de que eram presentes do sr. Locke. Eles costumavam aparecer exatamente quando eu mais precisava, quando meu pai esquecia outro aniversário ou perdia mais um feriado. Eu quase podia sentir sua mão desajeitada no meu ombro, oferecendo um consolo silencioso.

Parecia extremamente improvável, no entanto, que ele esconderia de propósito um pássaro no baú. Levantei a tampa, meio incrédula, e uma criaturinha cinza e dourada explodiu para cima de mim como se tivesse sido disparada de um pequeno canhão e ricocheteou ao redor da sala. Era um pássaro delicado, de penas eriçadas, com a cabeça cor de marmelada e pernas finas. (Tentei pesquisar mais tarde, mas ele não se parecia com nenhum pássaro do livro do sr. Audubon.)

Estava me virando, deixando a tampa do baú cair, quando percebi que ainda havia algo mais ali dentro.

Um livro. Um livro pequeno, encadernado em couro, com cantos descascados e título em baixo relevo com as letras douradas parcialmente apagadas: AS DEZ MIL ORTAS. Folheei as páginas com um polegar.

Aqueles de vocês que estão mais do que casualmente familiarizados com livros – aqueles que passam suas tardes livres em livrarias empoeiradas, que passam a mão de forma furtiva e carinhosa ao longo das lombadas de títulos conhecidos – entendem que o folhear de páginas é um elemento essencial no processo de introdução a um novo livro. Não se trata de ler as palavras; trata-se

de ler o cheiro, que sai das páginas em uma nuvem de poeira e polpa de madeira. Pode cheirar caro e bem encadernado, ou cheirar a folhas finas como lenço de papel e impressões borradas em duas cores, ou a cinquenta anos não lidos na casa de um velho fumante de tabaco. Os livros podem cheirar a emoções baratas ou a estudos minuciosos, a peso literário ou a mistérios não resolvidos.

Aquele tinha um cheiro diferente de qualquer livro que eu já tivera nas mãos. Canela e fumaça de carvão, catacumbas e barro. Noites úmidas à beira-mar e meio-dia escorregadio de suor sob folhas de palmeira. Cheirava como se tivesse passado mais tempo no correio do que qualquer outro pacote, circulando o mundo por anos e acumulando camadas de cheiros como um mendigo vestindo várias peças de roupas.

Cheirava como se a própria aventura tivesse sido colhida na natureza, destilada em um bom vinho e respingada em cada página. Mas estou me adiantando. As histórias devem ser contadas em ordem, com princípios, meios e fins. Não sou nenhuma erudita, mas sei disso.



Passei os anos que se seguiram à Porta azul fazendo o que as meninas mais voluntariosas e temerárias devem fazer: domando tais características.

No outono de 1903, eu tinha nove anos e o mundo estava provando a palavra *moderno* em sua língua. Uma dupla de irmãos nas Carolinas experimentava com entusiasmo suas máquinas voadoras; nosso novo presidente havia acabado de nos aconselhar a falar manso, mas carregar grandes porretes, o que parecia significar que deveríamos invadir o Panamá; e o cabelo ruivo vivo

foi brevemente popular, até que mulheres começaram a relatar tonturas e queda de cabelo e a poção capilar da srta. Valentine revelou-se pouco mais que veneno vermelho de rato. Meu pai estava em algum lugar do norte da Europa (meu cartão-postal mostrava montanhas nevadas e um par de crianças vestidas como João e Maria; a parte de trás dizia *Feliz aniversário atrasado*), e o sr. Locke finalmente confiava em mim o suficiente para me levar junto em outra viagem.

Meu comportamento desde o incidente em Kentucky fora impecável: não atormentei o sr. Stirling nem atrapalhei as coleções do sr. Locke; obedeci a todas as regras de Wilda, mesmo as realmente estúpidas como dobrar seus colarinhos logo após terem sido passados; não brinquei com “garotos imigrantes maltrapilhos e piolhentos”, e apenas observava Samuel dirigindo a carroça de compras da janela do escritório de meu pai, no terceiro andar. Ele ainda me dava historietas sempre que conseguia passá-las escondido da sra. Purtram, com o canto das páginas favoritas dobrado, e eu as devolvia enroladas nas garrafas vazias de leite, com todas as melhores e mais sanguinárias linhas circuladas.

Ele sempre olhava para cima quando saía, demorando-se o tempo suficiente para eu saber que ele tinha me visto, e levantava a mão. Às vezes, se Wilda não estivesse olhando e eu me sentisse ousada, tocava as pontas dos dedos na vidraça em resposta.

Passava o tempo todo conjugando verbos em latim e fazendo somas sob os olhos lacrimejantes do meu tutor. Participava de minhas aulas semanais com o sr. Locke, acenando educadamente com a cabeça enquanto ele palestrava sobre ações, conselhos reguladores que não diziam ao que vinham, seus estudos quando jovem na Inglaterra e as três melhores variedades de uísque. Pratiquei boas maneiras com a governanta sênior e aprendi a sorrir com cortesia para todos os hóspedes e clientes. “Que

coisinha *encantadora* que você é”, eles diziam encantados. “E tão articulada!”. E faziam-me um cafuné como se eu fosse um cãozinho bem treinado.

Às vezes, eu me sentia tão sozinha que achava que iria murchar até virar cinzas e ser carregada pela próxima brisa errante.

Às vezes, eu me sentia mais um item da coleção do sr. Locke rotulado como *January Scaller, 1,42 m, bronze; finalidade desconhecida*.

Então, quando ele me convidou para acompanhá-lo a Londres – com a condição de que eu me dispusesse a seguir cada palavra que ele dissesse como se fossem os próprios mandamentos de Deus – eu disse sim com tanto entusiasmo que até o sr. Stirling sobressaltou-se.

Metade das minhas histórias e romances baratos se passava em Londres, então minhas expectativas estavam bem altas: ruas escuras tomadas por neblina densa povoadas por crianças maltrapilhas e homens nefastos com chapéus-coco; edifícios manchados de fumaça preta que assomavam deliciosamente sombrios sobre a cabeça dos transeuntes; fileiras silenciosas de casas cinzentas. Uma mistura de *Oliver Twist* com Jack, o Estripador, talvez com uma pitada de Sara Crewe.

Talvez partes de Londres de fato sejam assim, mas a cidade que vi em 1903 era quase exatamente o oposto: barulhenta, brilhante e movimentada. Assim que descemos do vagão da London and North Western Railway na estação de Euston, quase fomos atropelados por um grupo de crianças em idade escolar com uniformes de marinheiro; um homem usando um turbante esmeralda curvou-se educadamente ao passar; uma família de pele escura discutia em seu próprio idioma; um pôster vermelho e dourado na parede da estação anunciava o *Genuíno zoológico humano do dr. Goodfellow, com pigmeus, guerreiros zulu, caciques e escravas do Oriente!*

– Nós já estamos em um maldito zoológico humano – Locke

resmungou e mandou o sr. Stirling chamar um táxi para nos levar diretamente à sede da Royal Rubber Company. Os carregadores enfiaram a bagagem do sr. Locke na parte traseira do táxi, e Stirling e eu a arrastamos pelos degraus de mármore branco dos escritórios da empresa.

O sr. Locke e o sr. Stirling desapareceram nos corredores sombrios com vários homens de ternos pretos e aparência importante, e fui instruída a ficar sentada em uma cadeira de encosto estreito no saguão e não incomodar ninguém, não fazer barulho nem tocar em nada. Contemplei o mural na parede oposta, que mostrava um africano ajoelhado entregando à Britânia uma cesta de bocas-de-leão. O africano tinha uma expressão um tanto servil e deslumbrada.

Perguntei-me se os africanos seriam considerados “de cor” em Londres, e em seguida me perguntei se eu também seria, e estremei de vontade de ser. Fazer parte de um grupo maior, não ser encarada, saber realmente de onde venho. Ser “um espécime perfeitamente único” pode ser bastante solitário.

Uma das secretárias me observava estreitando os olhos de tanto interesse. Você conhece o tipo: uma daquelas senhoras brancas e magras, com lábios finos, que aparentemente passam a vida inteira ansiando pela chance de bater nas juntas de alguém com uma régua. Recusei-me a dar-lhe tal oportunidade. Levantei-me de um salto, fingindo ouvir o sr. Locke me chamando, e debandei pelo corredor atrás dele.

A porta estava entreaberta. A luz oleosa da lâmpada escapava pela fresta e as vozes dos homens reverberavam em ecos suaves e famintos pelos painéis de carvalho. Eu me aproximei o suficiente para ver o interior: havia oito ou nove homens de bigode em volta de uma mesa comprida, onde se empilhava toda a bagagem de Locke. Os estojos pretos haviam sido abertos, e jornais amassados e

palha estavam espalhados por toda parte. O próprio Locke estava de pé à cabeceira da mesa, segurando algo que eu não conseguia ver.

- Um achado muito valioso, senhores, do Sião, contendo o que me afirmaram ser um tipo de balança de precisão, bastante potente...

Os homens ouviam com ansiedade indecorosa em seus rostos, as espinhas curvando-se na direção do sr. Locke como se numa atração magnética. Havia algo de estranho neles - uma espécie de desajuste coletivo, como se não fossem homens, mas sei-lá-que-tipo-de-criaturas enfiadas em ternos pretos.

Percebi que reconhecia um deles. Eu o vira na festa da Sociedade no último mês de julho, esgueirando-se pelas bordas da sala com olhos agitados e amarelados. Era um homem irrequieto, com rosto de furão e cabelos mais vermelhos do que os tingidos pela poção capilar da senhorita Valentine. Ele estava inclinado em direção a Locke, como todo mundo - mas então suas narinas se abriram, como um cachorro farejando um cheiro de que não gosta muito.

Sei que as pessoas não podem *farejar* menininhas desobedientes lhes espionando, sei que não. E será que eu realmente teria me metido em encrenca só por olhar? Mas havia algo de secreto na reunião, algo de ilícito, e o homem estava esticando o pescoço para cima, como se tentasse captar um odor estranho e rastreá-lo...

Afastei-me da porta e voltei para minha cadeira no saguão. Durante a hora seguinte, mantive os olhos pregados no chão de ladrilhos, os tornozelos bem cruzados e ignorei os suspiros e bufadas da secretária.

Crianças de nove anos podem não saber muito, mas não são estúpidas; a essa altura, eu já deduzira que todos os artefatos e tesouros encontrados por meu pai não eram exibidos na Mansão Locke. Aparentemente, alguns eram enviados através do Atlântico

e leiloados em salas de reuniões abafadas. Imaginei um pobre tablete de argila ou algum manuscrito roubado de seu lar por direito e enviado pelo mundo, desamparado e sozinho, apenas para acabar rotulado e exibido para pessoas que nem sabiam o que nele estava escrito. Então, lembrei-me de que era mais ou menos o que acontecia na própria Mansão Locke, e não era o sr. Locke que sempre dizia que era um ato de “covardia criminosa” desperdiçar oportunidades?

Decidi que outra parte de ser uma boa garota provavelmente consistia em manter a boca fechada sobre certos assuntos.

Não disse nada ao sr. Locke ou ao sr. Stirling quando eles reapareceram, nem durante o trajeto de táxi para o nosso hotel, nem quando o sr. Locke anunciou abruptamente que estava com vontade de fazer compras e desviou o táxi para Knightsbridge.

Entramos em uma loja de departamentos do tamanho de uma nação independente, toda em mármore e vidro. Atendentes com sorrisos brancos arreganhados postavam-se como soldados em todos os balcões.

Uma delas deslizou em nossa direção pelo piso brilhante e falou:

– Bem-vindo, senhor! Como posso ajudá-lo? E que menininha encantadora! – Seu sorriso era ofuscante, mas seus olhos interrogavam minha pele, meu cabelo, meus olhos. Se eu fosse um casaco, ela teria me virado do avesso e verificado minha etiqueta para saber o fabricante. – Onde você a encontrou?

O sr. Locke pegou minha mão e a colocou de maneira protetora debaixo do braço.

– Esta é minha... filha. Adotiva, é claro. Cá entre nós, você está olhando para o último membro vivo da família real havaiana. – E por causa do tom confiante na voz do sr. Locke e da rica aparência de seu paletó, ou talvez porque nunca encontrara uma havaiana de verdade, a mulher acreditou nele. Eu assisti enquanto sua suspeita

desapareceu, substituída por admiração fascinada.

– Oh, que excepcional! Temos alguns turbantes adoráveis de Lahore, bem exóticos, eles fariam uma ótima combinação com esse cabelo dela... ou, quem sabe, ela não gostaria de dar uma olhada nas nossas sombrinhas? Para se proteger do sol do verão?

O sr. Locke olhou para mim, avaliando.

– Um livro, creio eu. Qualquer um de que ela goste. Ela provou ser uma garota muito comportada. – Então, ele sorriu para mim, uma expressão detectável apenas pela ligeira curvatura do bigode.

Fiquei radiante; havia sido julgada e considerada digna.



No início do verão de 1906, eu tinha quase doze anos. O RMS *Lusitania* acabara de ser lançado como o maior navio do mundo (o sr. Locke prometeu que conseguiríamos passagens em breve); os jornais ainda estavam cheios de fotos granuladas dos destroços de São Francisco depois daquele terrível terremoto; e usei minha mesada para adquirir uma assinatura da revista *Outing*, só para poder ler o novo romance de Jack London toda semana. O sr. Locke estava fora a negócios, sem mim, e meu pai estava, pela primeira vez, em casa.

Ele deveria ter partido no dia anterior para se juntar à expedição do sr. Fawcett ao Brasil, mas houve um atraso no carimbo dos documentos por parte das autoridades competentes e na chegada de instrumentos delicados que exigiam remessa cuidadosa – mas nada disso importava para mim. Só o que importava era que ele estava em casa.

Tomamos café da manhã juntos na cozinha, sentados a uma grande mesa com manchas de gordura e queimaduras. Ele trouxe

um de seus cadernos de campo para revisar as anotações enquanto comia ovos e torradas com um pequeno V vincando as sobancelhas. Eu não ligava; tinha comigo o último folhetim de *Caninos brancos*. Mergulhamos em nossos mundos particulares, juntos, mas separados, e era tão pacífico e correto que me vi fingindo que aquilo acontecia todas as manhãs. Que éramos uma pequena família comum, que a Mansão Locke era a nossa casa e aquela mesa era a nossa mesa da cozinha.

Só acho que se fôssemos uma família comum haveria uma mãe à mesa conosco. Talvez ela também estivesse lendo. Talvez ela olhasse para mim por cima da lombada do livro e seus olhos se enterneceriam, só um pouquinho, e ela limparia as migalhas de torrada da barba por fazer do meu pai.

É estúpido dar vazão a esses pensamentos. Eles só provocam uma sensação de vazio e dor entre suas costelas, como se você estivesse com saudades de casa, mesmo estando em casa, e depois você não consegue mais ler sua revista porque as palavras estão todas distorcidas e com aparência molhada.

Meu pai recolheu o prato e a xícara de café e pôs-se de pé, com o caderno embaixo do braço. Seus olhos estavam distantes por trás dos pequenos óculos de aro dourado que ele usava para ler. Ele se virou para sair.

– Espere. – Engoli a palavra e ele piscou para mim como uma coruja assustada. – Eu estava pensando se... eu poderia ajudá-lo? Com o seu trabalho?

Eu o observei começar a dizer não, vi sua cabeça começar a balançar pesarosamente, mas então ele olhou para mim. E o que quer que tenha visto no meu rosto – o brilho úmido de quase lágrimas nos meus olhos, a dor vazia – o fez respirar fundo.

– Claro, January – seu sotaque rolou sobre o meu nome como um navio no mar; eu me diverti com o som disso.

Passamos o dia nos porões sem fim da Mansão Locke, onde todos os itens não classificados, sem rótulo ou quebrados das coleções do sr. Locke eram armazenados em caixas cheias de palha. Meu pai estava sentado com uma pilha de cadernos, murmurando e rabiscando, e ocasionalmente me instruindo a escrever pequenos rótulos em sua reluzente máquina de escrever preta. Fingi que era Ali Babá na Caverna das Maravilhas, ou um cavaleiro perseguindo um tesouro de dragão, ou apenas uma garota com seu pai.

– Ah, sim, a lâmpada. Separe junto com o tapete e o colar, por favor. Faça o que fizer, não a esfregue... embora... que mal poderia fazer? – Não sabia se papai estava falando comigo até que ele acenou para que eu me aproximasse. – Traga isso aqui.

Entreguei a ele a lâmpada de bronze que havia pescado de uma caixa rotulada TURQUESTÃO. Não se parecia muito com uma lâmpada; parecia mais um pássaro pequeno e deformado, com um bico muito longo e símbolos estranhos gravados ao longo de suas asas. Papai passou um dedo ao longo desses símbolos, delicadamente, e um vapor branco e oleoso começou a sair pelo bico. O vapor subiu, serpenteando e se contorcendo como uma cobra pálida, produzindo formas que quase pareciam palavras no ar.

Papai abanou a fumaça com a mão e eu pisquei.

– Como... Deve haver algum tipo de pavio lá dentro, e uma faísca. Como funciona?

Ele colocou a lâmpada de volta no caixote, um discreto meio-sorriso recurvando seus lábios. Ele encolheu os ombros para mim, e o meio-sorriso se alargou, um brilho de algo parecido com alegria por trás de seus óculos.

E talvez porque ele sorria muito raramente, ou talvez porque tinha sido um dia perfeito, eu disse algo estúpido.

– Posso ir com você? – Ele inclinou a cabeça, o sorriso recuando.
– Quando você for para o Brasil. Ou o lugar depois de lá. Você me

leva junto?

Era um daqueles desejos que você almeja tanto que chega a queimar, e por isso o mantém lá no fundo do coração como brasa apagada. Mas, oh, escapar dos saguões de hotel, das lojas de departamento e dos casacos de viagem bem abotoados, mergulhar como um peixe no riacho gorgolejante do mundo, nadando ao lado do meu pai...

– Não. – Frio, duro. Definitivo.

– Sou uma boa viajante, pergunte ao senhor Locke! Não interrompo, não toco em coisas que não devo, não falo com ninguém, nem me afasto...

A testa do meu pai se enrugou mais uma vez naquele intrigado V.

– Então, por que você deveria querer viajar? – Ele balançou a cabeça. – A resposta é *não*, January. É muito perigoso.

Vergonha e raiva subiram pelo meu pescoço num formigamento quente. Não disse nada, porque senão eu choraria e tudo ficaria ainda pior.

– Escute. Acho artefatos valiosos e únicos, não é? Para o senhor Locke e seus amigos da Sociedade? – Não assenti. – Bem, eles não são as únicas, hã, partes interessadas, ao que parece. Existem outros... não sei quem... – Ouvi-o engolir em seco. – Você está mais segura aqui. Este é o lugar certo para uma jovem crescer. – Essa última parte saiu num tom tão monótono e ensaiado que eu sabia que era uma citação direta do sr. Locke.

Balancei a cabeça, concordando, os olhos fixos no chão coberto de palha.

– Sim, senhor.

– Mas um dia te levo comigo. Prometo.

Eu queria acreditar nele, mas já escutara promessas vazias o suficiente na minha vida para saber reconhecer quando ouvia uma.

Saí sem falar nem mais uma palavra.

Protegida no casulo do meu quarto, enrolada na colcha cor-de-rosa e dourada que ainda cheirava a noz-moscada e sândalo, tirei a moeda do minúsculo bolso da saia e estudei a rainha de olhos prateados. Ela tinha um sorriso malicioso que parecia dizer fuja-comigo e, por um momento, senti meu coração alçar voo, sentindo o gosto de cedro e sal na boca.

Fui até a minha cômoda e enfiei a moeda em um buraco no forro do meu porta-joias; eu já estava crescida demais para carregar aquelas bugigangas fantasiosas, de qualquer forma.



Em março de 1908, eu tinha treze anos, uma idade tão intensamente conturbada e autocentrada que não me lembro de quase nada daquele ano, exceto o fato de ter crescido 10 centímetros e Wilda me obrigar a começar a usar uma terrível engenhoca de arame nos meus seios. Meu pai estava num navio a vapor em direção ao Polo Sul, e todas as suas cartas cheiravam a gelo e excremento de pássaro; o sr. Locke hospedava um gomalinado grupo de petroleiros do Texas na ala leste da Mansão Locke e ordenou que eu ficasse fora do caminho deles; eu estava tão solitária e infeliz quanto qualquer garota de treze anos já esteve, o que é mesmo muito solitário e infeliz.

Minha única companhia era Wilda. Ela se tornara cada vez mais afeiçoada a mim ao longo dos anos, agora que eu era uma “moça bem-comportada”, mas seu carinho só significava que ela sorria com muita frequência – uma expressão rangente e com teias de aranha que parecia ter sido guardada em um baú mofado por décadas – e às vezes sugeria que lêssemos *O peregrino: a viagem do*

crístão à cidade celestial em voz alta como regalo. Era quase mais solitário do que não ter companhia alguma.

Mas, então, aconteceu algo que significava que eu nunca mais me sentiria sozinha.

Eu estava copiando uma pilha de livros contábeis para o sr. Locke, debruçada sobre a mesa no escritório de meu pai. Eu tinha uma escrivaninha no meu quarto, mas na maioria das vezes usava a dele – já que ele quase nunca estava em casa para se opor. Também gostava da quietude da sala e do modo como o cheiro dele pairava no ar como partículas de poeira: sal marinho, especiarias e estrelas desconhecidas.

E gostava especialmente do fato de o escritório ter a melhor vista da estrada, o que significava que eu podia observar a carroça de Samuel Zappia balançando em direção à casa. Ele praticamente já não me deixava mais as historietas – hábito que fora minguando entre nós, como colegas cujas cartas ficam mais curtas a cada mês –, mas ele sempre acenava. Hoje vi sua respiração se elevar como uma pluma branca acima da carroça, vi sua cabeça se inclinar para a janela do escritório. Aquilo foi um *flash* de dentes brancos?

A carroça vermelha tinha acabado de sumir em direção à cozinha e eu estava considerando e descartando motivos para passar por lá casualmente na meia hora seguinte, quando a srta. Wilda bateu com os nós dos dedos na porta do escritório. Ela me informou, no mais profundo tom de suspeita, que o jovem sr. Zappia gostaria de falar comigo.

– Oh – disse, afetando indiferença. – Para quê?

Wilda seguiu atrás de mim como uma sombra de lã preta quando descii para encontrá-lo. Samuel estava esperando ao lado de seus pôneis, murmurando em suas orelhas de veludo.

– Senhorita Scaller – ele me cumprimentou.

Notei que ele havia sido poupado dos infortúnios da maioria dos

meninos adolescentes; em vez de lhe brotarem vários cotovelos extras e apresentar o andar desajeitado de uma girafa recém-nascida, Samuel crescera mais denso e flexível. Mais bonito.

– Samuel. – Usei minha voz mais adulta, como se nunca o tivesse perseguido pelo gramado, gritando por sua rendição ou o alimentado com poções mágicas feitas de agulhas de pinheiro e água do lago.

Ele me lançou uma espécie de olhar inquisitivo. Tentei não pensar no vestido de lã tosco que eu usava, um que Wilda apreciava especialmente, ou na maneira irreprimível que os fios de meu cabelo se arrepiavam soltando-se dos grampos. Wilda tossiu ameaçadora-mente, como uma múmia limpando a garganta da poeira da tumba.

Samuel buscou na carroça uma cesta coberta.

– Para você. – Ele tinha o rosto perfeitamente neutro, mas um leve levantar no canto da boca poderia ter sido o começo de um sorriso. Seus olhos tinham aquele brilho familiar e ansioso; era a mesma expressão de quando recontou o enredo de um romance barato e estava prestes a chegar à parte realmente boa em que o herói chega bem na hora para salvar o garoto sequestrado. – Pegue.

Neste ponto, você deve estar pensando que essa história não é realmente sobre Portas, mas sim sobre aquelas portas mais privadas e milagrosas que podem se abrir entre dois corações. Talvez seja no final – acredito que toda história é uma história de amor, se você a pegar no momento certo, à luz do anoitecer –, mas não agora.

No fim das contas, não foi Samuel que se tornou o meu amigo mais querido no mundo; foi o animal choroso que agitava as patinhas grossas na cesta que ele me entregou.

Das minhas raras viagens a Shelburne acompanhada por Wilda,

sabia que os Zappia viviam amontoados na cidade, em um apartamento sobre a mercearia, um tipo de ninho amplo e estridente que fazia o sr. Locke mexer no bigode e reclamar sobre *aquelas* pessoas. A loja era guardada por uma cadela enorme, de poderosas mandíbulas, chamada Bella.

Bella, Samuel explicou, produzira recentemente uma ninhada de filhotes da cor de bronze polido. As outras crianças Zappia estavam ocupadas vendendo a maioria para turistas crédulos o suficiente para não duvidar que eram de uma rara raça africana de cães caçadores de leões, mas Samuel separara um.

– O melhor. Eu o guardei para você. Vê como ele olha para você?

– Era verdade: o filhotinho na cesta parara de se remexer para me encarar com os olhos úmidos e brilhantes, como se estivesse esperando uma instrução divina.

Eu não sabia então o que aquele filhote se tornaria para mim, mas creio que uma parte de mim já suspeitava, porque meu nariz estava formigando daquele jeito *você-está-prestes-a-chorar* quando olhei para Samuel.

Abri a boca, mas Wilda pigarreou novamente.

– Acho que *não*, garoto – ela declarou. – Leve este animal de volta ao lugar de onde ele veio.

Samuel não franziu a testa, mas o sorriso no canto da boca se apagou. Wilda tomou a cesta das minhas mãos que a agarravam com firmeza – o filhote tombou e rolou, as perninhas remando no ar – e a empurrou de volta para Samuel.

– Tenho certeza de que a senhorita Scaller agradece sua generosidade. – E ela me guiou de volta para dentro e me deu um sermão interminável sobre germes, a inadequação de cães grandes para mulheres e os perigos de aceitar favores de homens de baixa posição.

Meu apelo ao sr. Locke após o jantar não teve êxito.

– Alguma criatura cheia de pulgas da qual se apiedou, suponho?

– Não senhor. Você conhece Bella, a cadela dos Zappia? Ela teve uma ninhada e...

– Um mestiço, então. Eles nunca se desenvolvem bem, January, e eu não quero um vira-lata mastigando meus animais empalhados. – Ele agitou o garfo para mim. – Mas, veja bem: um dos meus associados cria *dachshunds* muito bons em Massachusetts. Quem sabe, se você se dedicar às suas aulas, eu possa ser persuadido a recompensá-la com um presente de Natal antecipado. – Ele me deu um sorriso indulgente, piscando para Wilda e seus lábios franzidos, e eu tentei lhe sorrir de volta.

Retornei ao livro de contabilidade depois do jantar, sentindo-me mal-humorada e estranhamente em carne viva, como se houvesse correntes invisíveis esfolando minha pele. Os números ficaram turvos e prismáticos quando as lágrimas se acumularam nos meus olhos e eu tive um repentino e inútil anseio pelo meu diário de bolso perdido. Por aquele dia no campo em que escrevi uma história e ela se tornou realidade.

A caneta deslizou para as margens do livro de contabilidade. Ignorei a voz na minha cabeça me dizendo que aquilo era absurdo, sem esperança, vários passos além da fantasia – que me lembrava que palavras em uma página não são feitiços mágicos – e escrevi: *Era uma vez uma boa garota que conheceu um cachorro ruim, e eles se tornaram os melhores amigos.*

Não houve remodelação silenciosa do mundo desta vez. Houve apenas um leve suspiro, como se toda a sala tivesse respirado. A janela do lado sul sacudiu debilmente em sua moldura. Um tipo de exaustão doentia tomou conta de meus membros, um peso, como se cada um de meus ossos tivesse sido roubado e substituído por chumbo, e a caneta caiu da minha mão. Meus olhos estavam embaçados, minha respiração entrecortada.

Mas nada aconteceu; nenhum cachorro se materializou. Voltei ao meu trabalho de cópia.

Na manhã seguinte, acordei abruptamente, muito mais cedo do que qualquer jovem sã acordaria por vontade própria. Um insistente ruído metálico ecoava pelo quarto. Wilda fungou enquanto dormia, as sobrancelhas se contraindo em desaprovação instintiva.

Pulei para a minha janela em meio à confusão da camisola emaranhada nos lençóis. Em pé, no gramado coberto de geada, envolto na névoa perolada do amanhecer, com o rosto virado para cima, naquele quase sorriso, estava Samuel. Uma mão segurava as rédeas de seu pônei cinza, que dava passos furtivos no gramado, e a outra segurava a cesta de fundo redondo.

Saí porta afora e desci as escadas dos fundos antes de ter tempo para algo tão prosaico como um pensamento consciente. Frases como *Wilda vai esfolar você viva* ou *Meu Deus, você está de camisola* me ocorreram apenas depois que eu abri a porta lateral e corri para encontrá-lo.

Samuel olhou para os meus pés descalços, congelando na geada, depois para o meu rosto desesperado e ansioso. Ele me estendeu a cesta pela segunda vez. Peguei o filhote – uma bolinha fria e sonolenta – e o segurei contra o meu peito, onde ele procurou se aninhar no calor debaixo do meu braço.

– Obrigada, Samuel – sussurrei, o que, sei agora, foi uma resposta totalmente insuficiente. Mas Samuel pareceu contente. Ele inclinou a cabeça num gesto galante do Velho Mundo, como um cavaleiro aceitando o favor de sua dama, montou em seu pônei e desapareceu pelo terreno enevoadado.

Agora, vamos esclarecer a situação: não sou uma garota estúpida. Eu me dei conta de que as palavras que escrevi no livro contábil foram mais do que tinta e papel de algodão. Elas

alcançaram o mundo e torceram sua forma de um modo invisível e desconhecido que levou Samuel a se postar debaixo da minha janela. Contudo, havia uma explicação mais racional disponível para mim – a de que Samuel tinha visto o anseio em meu rosto e decidira mandar para o inferno aquela alemã velha e amarga – e eu escolhi acreditar nisso.

Mesmo assim: quando cheguei ao meu quarto e coloquei a bolinha de pelo marrom em um ninho de travesseiros, a primeira coisa que fiz foi vasculhar a gaveta da mesa em busca de uma caneta. Encontrei minha cópia de *O livro da selva*, folheei as páginas em branco no final e escrevi: *Ela e seu cachorro tornaram-se inseparáveis daquele dia em diante.*



No verão de 1909, eu tinha quase quinze anos e parte do nevoeiro egoísta da adolescência estava começando a se dissipar. O segundo *Anne de Green Gables* e o quinto livro de *Oz* foram lançados naquela primavera; uma mulher branca, de nariz arrebitado, chamada Alice, acabara de dirigir um carro por todo o país (uma façanha que o sr. Locke chamou de “totalmente absurda”); houve algum alarido sobre um golpe ou uma revolução no Império Otomano (“absolutamente inútil”); e meu pai estava na África Oriental há meses sem nem sequer um cartão-postal. No Natal, ele me enviou uma escultura de elefante em marfim amarelado com as letras MOMBASA gravadas na barriga e um bilhete dizendo que ele estaria em casa no meu aniversário.

Ele não veio, é claro. Mas Jane, sim.

Era início do verão, as folhas ainda estavam úmidas e novas e o céu parecia recém-pintado, Bad e eu estávamos aconchegados no

jardim, e eu relia todos os outros livros de Oz para me preparar para o novo. Já tivera minhas aulas de francês e latim do dia, e terminara todas as somas e a contabilidade para o sr. Locke, e minhas tardes estavam maravilhosamente livres agora que Wilda se fora.

Acho que Bad merece a maior parte do crédito, na verdade. Se fosse possível manifestar os pesadelos mais sombrios de Wilda em um ser físico, ele se pareceria muito com um filhote de olhos amarelos e patas grandes, uma abundância de pelos marrons finos e nenhum respeito por babás. Ela teve um ataque previsivelmente impressionante quando o encontrou no meu quarto e me arrastou até o escritório do sr. Locke ainda de camisola.

– Pelo amor de Deus, mulher, pare de gritar, ainda não tomei meu café. Agora, o que significa tudo isso? Pensei que eu havia sido perfeitamente claro ontem à noite. – O sr. Locke me encarou com *aquela* olhar, duro como gelo e pálido como a lua. – Não quero esse cachorro em casa.

Senti minha força de vontade estremeando e vergando, fraquejando sob o olhar dele – mas lembrei daquelas palavras escondidas no final de Kipling: *Ela e seu cachorro tornaram-se inseparáveis*. Apertei os braços em torno de Bad e encarei os olhos do sr. Locke, de queixo erguido.

Um segundo se passou e depois outro. O suor pinicava minha nuca, como se eu estivesse levantando algum objeto imensamente pesado, e então o sr. Locke riu.

– Fique com ele, se é tão importante assim para você.

Depois disso, a senhorita Wilda foi desaparecendo de nossa vida como papel de jornal esquecido ao sol. Ela simplesmente não podia competir com Bad, que crescia em ritmo alarmante. Comigo, ele permanecia devotado e com ares de filhote, dormindo desabado sobre minhas pernas e se apertando no meu colo muito tempo

depois de ter deixado de caber ali – mas sua atitude em relação ao restante da população humana era francamente perigosa. Em seis meses, ele expulsou Wilda do nosso quarto e a exilou nos aposentos da criadagem; em oito meses, ele e eu tínhamos quase todo o terceiro andar só para nós.

A última vez que vi Wilda, ela atravessava apressada o amplo gramado, espiando a janela do meu quarto no terceiro andar com a expressão assustada de um general batendo em retirada de uma batalha perdida. Abracei Bad com tanta força que ele ganiu, e passamos a tarde chapinhando ao longo da margem do lago, inebriados com a liberdade.

Agora, deitada com a cabeça apoiada nas costelas de Bad aquecidas pelo sol, ouvi o ruído de um carro descendo a entrada.

A entrada da Mansão Locke é um caminho longo e sinuoso, ladeado por carvalhos imponentes. O táxi estava se afastando no momento em que Bad e eu contornávamos a frente da casa. Uma mulher estranha caminhava em direção aos grandes degraus de pedra vermelha, de cabeça erguida.

Meu primeiro pensamento foi que uma rainha africana estava tentando visitar o presidente Taft em D.C., mas se viu mal orientada e chegou à Mansão Locke por engano. Não que ela estivesse vestida de maneira especialmente grandiosa – um casaco de viagem bege com uma fileira reta de botões pretos, uma única valise de couro, cabelo escandalosamente curto – ou que parecesse particularmente arrogante. Era algo na linha inflexível de seus ombros, ou o modo como ela olhava para toda a grandeza da Mansão Locke sem o menor lampejo de admiração ou intimidação.

Ela nos viu e parou antes de subir os degraus da frente, aparentemente nos esperando. Nós nos aproximamos, minha mão na coleira de Bad, caso ele fosse acometido por um de seus impulsos infelizes.